

INIZ CONSCIENTE

#53



Imagem: Damon Winter/The New York Times

Larry Fink
CEO da BlackRock

UM CHAMADO A TODOS OS CEOs DO PLANETA

Cara associada e caro associado, é com grande felicidade que escrevo para você.

Larry Fink (CEO da BlackRock), que administra mais de 7 trilhões de dólares de ativos, escreve uma carta anual direcionada aos CEOs das empresas que investem (nunca sendo majoritários) e como a carta é aberta acaba influenciando todos CEOs do mundo. São textos longos, porém muito importantes para quem deseja humanizar os negócios e impactar positivamente o mundo.

Visando criar um conteúdo exclusivo para você, me reuni com Dani Garcia, nossa Diretora de Operações, e gravamos um vídeo comentando as últimas três cartas aos CEOs, publicadas pela BlackRock.

A proposta foi fazer um grande apanhado de informações e amarrar as principais ideias para que cada um de nossos associados possa mergulhar mais a fundo nos assuntos que desejar e que forem mais relevantes para sua atuação profissional.

Vale lembrar: **a situação do mundo é grave**. No entanto, ainda há tempo de agir.

Devemos construir um futuro onde todas as pessoas sejam capazes de trabalhar com dignidade e cuidar delas mesmas e de seus entes queridos. Trabalhamos para construir amanhã em que nosso planeta seja saudável e as economias progridam.

Para que essa transformação aconteça na velocidade e intensidade necessárias, precisamos reimaginar e redesenhar nosso sistema econômico e essa é uma tarefa de todos nós.

Abaixo você terá acesso exclusivo ao vídeo que gravamos para você, além das três últimas cartas de Larry Fink aos CEOs do mundo.

Sempre com muito carinho,



Hugo Bethlem

Presidente do Conselho
Instituto Capitalismo Consciente Brasil



VER VÍDEO

PROPÓSITO & LUCRO

2019

Prezado(a) CEO,

A cada ano, escrevo para as empresas nas quais a BlackRock investe em nome dos clientes, dos quais a maioria possuem extensos horizontes e se planejam para a aposentadoria. Como agente fiduciário desses clientes, que são os donos da sua empresa, defendemos as práticas que acreditamos impulsionar a rentabilidade e o crescimento sustentável no longo prazo. Com a chegada de 2019, o compromisso com uma estratégia de longo prazo é mais importante do que nunca – o cenário global está cada vez mais frágil e, portanto, suscetível a um comportamento de curto prazo por parte tanto das empresas quanto dos governos.

A incerteza do mercado está em toda parte, e a confiança está perdendo espaço. Muitos enxergam o risco de uma recessão cíclica crescendo. Em todo o mundo, a frustração com anos de salários estagnados, o efeito da tecnologia nos postos de trabalho e a incerteza com o futuro têm instigado xenofobia, nacionalismo e



insatisfação popular. Diante disso, algumas das principais democracias do mundo entraram em uma dolorosa disfunção política, que tem agravado ao invés de reduzido essa frustração da população. A confiança nas instituições oficiais e no multilateralismo está em decadência.

Frustrada com as mudanças econômicas fundamentais e a incapacidade do governo em fornecer soluções duradouras, a sociedade está cada vez mais buscando em empresas de capital aberto e fechado soluções para problemas sociais e econômicos. Dentre essas questões estão a proteção do meio ambiente, aposentadoria e igualdade de gênero e raça. Parte dessas pressões da população sobre as empresas vem das mídias sociais, que está ganhando cada vez mais força e alcance de uma forma nunca vista antes. Além dessas pressões, as empresas devem lidar com as complexidades de um ambiente financeiro em final de ciclo, incluindo o aumento da volatilidade, que pode criar incentivos para maximizar os retornos de curto prazo em detrimento do crescimento no longo prazo.

Propósito e lucro: Um relacionamento inextricável

Eu escrevi no ano passado que cada empresa precisa de uma estrutura para lidar com esse cenário difícil e também deve começar a materializar claramente o seu objetivo no modelo de negócios e na sua estratégia corporativa. O propósito não é um mero slogan ou campanha de marketing; é a razão fundamental de uma empresa. É o que ela faz

todos os dias para gerar valor para as partes interessadas. O propósito não é só a busca pelo lucro, mas é a força motriz para conquistá-lo.

O lucro não é de forma alguma inconsistente com propósito; de fato, o lucro e o propósito estão intimamente associados. O lucro é essencial para que uma empresa atenda a todas as partes interessadas de forma eficiente ao longo do tempo – não apenas aos acionistas, mas também aos funcionários, clientes e comunidades. Semelhantemente, quando uma empresa entende e expressa de fato o seu propósito, ela atua com foco e disciplina estratégica de forma a gerar rentabilidade em longo prazo. O propósito une diretores, funcionários e comunidades. Gera comportamento ético e cria um controle importante em relação as ações contrárias aos melhores interesses das partes interessadas. O propósito orienta a cultura, proporciona uma estrutura para tomadas de decisões consistentes e, em última análise, ajuda a sustentar retornos financeiros de longo prazo para os acionistas da empresa.

O mundo precisa da sua liderança

Como CEO, conheço bem as pressões que as empresas sofrem no ambiente polarizado atual e os desafios com que elas precisam lidar para superá-las de fato. As partes interessadas estão pressionando as empresas para enfrentarem as questões sociais e políticas, especialmente porque entendem que os governos não conseguiram fazê-lo de forma satisfatória. Como CEOs, nem sempre conseguimos lidar com essas questões. Além disso, o que funciona

em uma empresa nem sempre dá certo em outra.

Uma coisa, no entanto, é certa: o mundo precisa da sua liderança. Com o agravamento das divisões, as empresas precisam mostrar compromisso com os países, regiões e comunidades onde atuam, especialmente em questões fundamentais para a prosperidade futura de todo o mundo. As empresas não podem resolver todas as questões consideradas essenciais para a população, mas muitas delas, desde aposentadoria e infraestrutura até a preparação dos trabalhadores para os empregos do futuro, não podem ser resolvidas sem liderança empresarial.

Em especial, a aposentadoria é uma área em que as empresas devem retomar seu papel tradicional de liderança. Durante a maior parte do século XX, a aposentadoria foi um elemento do pacto social em muitos países em que os empregadores tinham a responsabilidade de ajudar os trabalhadores nessa etapa da vida. Em alguns países, sobretudo nos Estados Unidos, a mudança para planos de contribuição definida mudou a estrutura dessa responsabilidade, sem que muitos trabalhadores estivessem preparados. Quase todos os países estão enfrentando o aumento da longevidade da população e tendo de arcar com isso. Essa falta de preparo para a aposentadoria está gerando muita ansiedade e medo, afetando a produtividade no local de trabalho e ampliando o populismo na esfera política.

Para atender a isso, as empresas precisam ter mais responsabilidade

para ajudar seus funcionários com a aposentadoria, oferecendo sua experiência e capacidade de inovação para solucionar esse enorme desafio global. Dessa forma, as empresas criarão não só uma força de trabalho mais estável e engajada, mas também uma população economicamente mais segura nas regiões em que atuam.

Uma nova geração focada no propósito

As empresas que cumprirem seu propósito e suas responsabilidades com as partes interessadas colhem frutos no longo prazo. Aquelas que não o fizerem ficarão pelo caminho. Essa dinâmica está se tornando cada vez mais evidente conforme a população se torna mais exigente em relação às empresas. Essa tendência continuará ganhando força entre os millennials, que hoje representam 35% da força de trabalho e expressam novas expectativas em relação às empresas em que trabalham, das quais compram e nas quais investem.

Atrair e manter os melhores talentos exige que as empresas deixem mais claro o seu propósito. Com o aumento do desemprego pelo mundo, os trabalhadores, e não só os acionistas, podem e terão mais opinião em definir o objetivo, as prioridades e até mesmo detalhes dos negócios das empresas. No ano passado, vimos alguns dos funcionários mais qualificados do mundo fazendo greve e protestando em assembleias abertas, expressando seu ponto de vista sobre a importância do propósito nas empresas. Esse fenômeno crescerá ainda mais quando os millennials

e até mesmo as gerações mais novas ocuparem posições mais altas nas empresas. Em uma pesquisa recente da Deloitte, os trabalhadores millennials foram consultados sobre qual deveria ser o propósito principal das empresas. Mais de 63% responderam que “melhorar a sociedade” é mais importante do que “gerar lucro”.

Nos próximos anos, o mundo verá a maior transferência de riqueza da história: US\$ 24 trilhões dos baby boomers para os millennials. E os sentimentos das novas gerações influenciarão suas decisões não apenas como funcionários, mas também como investidores. Conforme essa riqueza muda de geração e as preferências de investimento também se transformam, questões ambientais, sociais e de governança serão cada vez mais significativas para as avaliações das empresas. Essa é uma das razões pelas quais a BlackRock dedica recursos consideráveis para melhorar os dados e as análises a fim de mensurar esses fatores, faz a integração deles em toda a nossa plataforma de investimento e mantém um engajamento com as empresas em que investimos em nome dos clientes com o intuito de entender melhor como essas empresas se relacionam com esses clientes.

O envolvimento da BlackRock em 2019

Dentre as prioridades de engajamento da gestão de investimentos da BlackRock para 2019 estão: governança, incluindo a abordagem da sua empresa com a diversidade de seus conselhos;

estratégia corporativa e alocação de capital; remuneração que promove o longo prazo; oportunidades e riscos ambientais; e gestão de capital humano. Essas prioridades refletem nosso compromisso de nos envolvermos com questões que influenciam as perspectivas de uma empresa, não só para o próximo trimestre, mas pelos longos períodos para qual nossos clientes – estão se preparando.

Em prol desse compromisso, não nos concentramos apenas em suas operações diárias, mas buscamos entender sua estratégia para alcançar crescimento no longo prazo. Como eu disse no ano passado, para que nossos compromissos gerem frutos, eles não podem surgir apenas na temporada de reuniões para votar contra ou a favor de pautas por meio de procurações. Os melhores resultados são conquistados com diálogos consistentes durante todo o ano.

Reconhecemos que as empresas muitas vezes precisam tomar decisões difíceis em prol de objetivos estratégicos mais importantes, tais como seguir certas linhas de negócios ou mercados conforme as expectativas das partes interessadas mudam ou, às vezes, considerar a necessidade de mudança na força de trabalho. A própria BlackRock, cujo número de funcionários teve crescimento anual de 7% durante muitos anos, teve de fazer reduções recentemente para permitir o reinvestimento em talentos e o crescimento no longo prazo.

A clareza de o propósito ajuda as empresas a tomarem atitudes estratégicas com mais eficiência em

prol das metas de longo prazo. No ano passado, nossa equipe de gestão de investimentos começou a falar com as empresas sobre o propósito social e como ele se alinha com a cultura e a estratégia empresarial. Nós nos sentimos encorajados pelo compromisso das empresas de atuar conosco nesse tema. Não temos nenhuma intenção de dizer às empresas quais devem ser seus objetivos. Isso cabe à equipe de gestão e ao conselho administrativo delas. Em vez disso, procuramos entender como o propósito de uma empresa influencia sua estratégia e sua cultura de forma a contribuir com um desempenho financeiro sustentável. Mais detalhes sobre como lidamos com essas questões podem ser encontrados em [BlackRock.com/purpose](https://www.blackrock.com/pt/br/purpose).

Atenciosamente,

Larry Fink

UMA MUDANÇA ESTRUTURAL NAS FINANÇAS

2020

Estimado CEO,

Como gestora de ativos, a BlackRock investe em nome dos clientes, e eu estou escrevendo para você como consultor e responsável fiduciário desses clientes. O dinheiro que gerimos não é nosso. Pertence a pessoas em dezenas de países que buscam seus objetivos financeiros

de longo prazo, como a aposentadoria. Temos uma grande responsabilidade perante essas instituições e indivíduos – que são acionistas da sua empresa e milhares de outros – de fomentar a geração de valor no longo prazo.



As alterações climáticas tornaram-se um fator decisivo nas perspectivas das empresas a longo prazo. Em setembro do ano passado, quando milhões de pessoas saíram às ruas para exigir medidas contra mudanças climáticas, muitos enfatizaram o impacto significativo e duradouro que elas terão no crescimento econômico e na prosperidade – um risco que, até agora, os mercados têm sido lentos em refleti-los. Mas a consciência está mudando muito rapidamente, e acredito que estamos à beira de uma mudança estrutural nas finanças.

As evidências sobre o risco climático estão forçando os investidores a reavaliarem os pressupostos básicos sobre as finanças modernas. Pesquisando uma vasta gama de organizações – incluindo o Painel Intergovernamental sobre Alterações Climáticas da ONU, o BlackRock Investment Institute e muitos outros, juntamente com novos estudos da McKinsey sobre as consequências socioeconômicas do risco climático físico – está aprofundando a nossa compreensão de como o risco climático irá impactar tanto o nosso mundo tangível como o sistema global que financia o crescimento econômico.

Por exemplo, nos Estados Unidos, será que as cidades serão capazes de suprir as necessidades de infraestrutura à medida que o risco climático muda o mercado de títulos municipais? O que acontecerá com as hipotecas de 30 anos – um pilar fundamental das finanças – se os credores não puderem estimar o impacto do risco climático para um horizonte tão longo, e o que acontecerá com as áreas afetadas

por enchentes ou incêndios se não houver um mercado de seguros viável para esses eventos? O que acontece com a inflação, e por sua vez às taxas de juros, se o valor dos alimentos aumenta devido à seca ou às inundações? Como podemos modelar o crescimento econômico se os mercados emergentes vêem sua produtividade cair como resultado das temperaturas extremamente altas e outros impactos climáticos?

Os investidores estão cada vez mais considerando estas questões e reconhecendo que o risco climático é um risco de investimento. Na verdade, as alterações climáticas são quase sempre uma das principais questões que os clientes em todo o mundo abordam com a BlackRock. Da Europa à Austrália, da América do Sul à China, da Flórida ao Oregon, os investidores estão perguntando como devem ajustar seus portfólios. Eles estão procurando entender tanto os riscos físicos associados às mudanças climáticas, como também as formas pelas quais as regulamentações climáticas terão impacto nos preços, custos e demanda em toda a economia. Estas questões estão conduzindo uma reavaliação profunda do risco e do valor dos ativos. E como os mercados de capitais projetam riscos futuros, veremos mudanças na alocação de capital acontecerem mais rapidamente do que as mudanças no clima. Num futuro próximo –e mais cedo do que muitos prevêem –haverá uma realocação significativa de capital.

Risco climático é risco de investimento

Como fiduciários, nossa

responsabilidade é de auxiliar os clientes a navegarem nesta transição. Nossa convicção de investimento é que os portfólios integrados com a sustentabilidade e clima podem proporcionar melhores retornos ajustados ao risco para os investidores. E, dado o crescente impacto da sustentabilidade no retorno dos investimentos, acreditamos que a base mais forte para os portfólios dos nossos clientes no futuro é o investimento sustentável.

Em carta enviada hoje aos nossos clientes, a BlackRock anunciou uma série de iniciativas para posicionar a sustentabilidade no coração da nossa estratégia de investimento. Estas incluem: fazer da sustentabilidade uma parte integrante da construção do portfólio e da gestão de risco; desinvestir daqueles com alto risco de sustentabilidade, como os produtores de carvão para termoeletricas; lançar novos produtos de investimento que filtrem os combustíveis fósseis; e fortalecer nosso compromisso com a sustentabilidade e a transparência em nossas atividades de gestão de investimentos.

Nos próximos anos, uma das questões mais importantes que enfrentaremos é a escala e o alcance da ação governamental sobre as mudanças climáticas, que definirá, a grosso modo, a velocidade com que nos moveremos para uma economia de baixa emissão de carbono. Este desafio não pode ser resolvido sem uma resposta internacional coordenada entre os governos, em conformidade com os objetivos do Acordo de Paris.

Sob qualquer cenário, a transição energética levará décadas. Apesar dos rápidos avanços, a tecnologia para substituir de forma rentável muitos dos usos essenciais dos hidrocarbonetos ainda não existe hoje. Devemos estar conscientes das realidades econômicas, científicas, sociais e políticas da transição energética. Os governos e o setor privado devem trabalhar juntos para fazer uma transição justa e equitativa – não podemos deixar partes da sociedade, ou países inteiros em mercados em desenvolvimento, para trás enquanto caminhamos em direção a um mundo de baixa emissão de carbono.

Embora o governo deva liderar esta transição, as empresas e os investidores também têm um papel a desempenhar. Como parte desta responsabilidade, a BlackRock é um dos membros fundadores do Força Tarefa Sobre Divulgações Financeiras Relacionadas ao Clima (TCFD). Somos signatários dos Princípios das Nações Unidas para o Investimento Responsável, e assinamos a declaração do Vaticano de 2019 que defende a regulamentação do preço do carbono, que acreditamos ser essencial para combater as alterações climáticas.

A BlackRock juntou-se à França, Alemanha e fundações globais para estabelecer a Parceria de Financiamento Climático, que é uma das muitas iniciativas público-privadas para melhorar os mecanismos de financiamento de investimentos em infraestrutura. Esta necessidade é particularmente urgente para as cidades, dado que as muitas obras de infraestrutura municipal – de estradas, esgotos e

transporte – foram construídas para suportar condições climáticas que não convergem com a nova realidade climática. A curto prazo, parte do trabalho necessário para mitigar o risco climático poderia gerar maior atividade econômica. No entanto, enfrentamos o problema a longo prazo. Ainda não sabemos quais das previsões climáticas será a mais precisa, nem quais dos efeitos que deixamos de considerar. Mas não podemos negar a direção em que estamos nos movendo. Todos os governos, empresas e acionistas devem enfrentar as mudanças climáticas.

Maior transparência para os acionistas

Acreditamos que todos os investidores, juntamente com os reguladores, seguradoras e o público, precisam de uma imagem mais clara de como as empresas estão lidando com questões relacionadas com a sustentabilidade. Esses dados devem ir além das questões climáticas e se estenderem a questões sobre como cada empresa contribui, como a diversidade da sua força de trabalho, a sustentabilidade da sua cadeia de suprimentos ou como protege os dados dos seus clientes. As perspectivas de crescimento de cada empresa são indissociáveis da sua capacidade de operar de forma sustentável e servir todo o conjunto de partes interessadas.

A importância de servir as partes interessadas e integrar o propósito está se tornando cada vez mais fundamental para que as empresas entendam o seu papel na sociedade. Tal como escrevi em

cartas anteriores, uma empresa não pode alcançar lucros a longo prazo sem ter um objetivo e sem considerar as necessidades de uma ampla gama de partes interessadas. Uma empresa farmacêutica que aumenta impiedosamente os preços, uma empresa de mineração que reduz a segurança, um banco que não respeita seus clientes – essas empresas podem maximizar os retornos a curto prazo. Mas, como temos visto repetidas vezes, essas ações que prejudicam a sociedade irão prejudicar a empresa e destruir o valor para os acionistas. Em contraste, um forte senso de propósito e um compromisso com as partes interessadas ajuda uma empresa a se conectar mais profundamente com seus clientes e a se ajustar às mudanças nas demandas da sociedade. Em última análise, o propósito é o motor da rentabilidade a longo prazo.

Com o passar do tempo, as empresas e países que não atenderem às partes interessadas e enfrentarem os riscos da sustentabilidade, encontrarão um crescente ceticismo por parte dos mercados e, por sua vez, um custo de capital mais elevado. Empresas e países que defendem a transparência e demonstram sua capacidade de resposta às partes interessadas, ao contrário, atrairão investimentos de forma mais eficaz, incluindo capital de maior qualidade e de longo prazo.

Já foram feitos importantes avanços na melhoria da divulgação de informações – e muitas empresas já fazem um trabalho exemplar de integração e relato sobre sustentabilidade – mas precisamos conseguir uma adoção

mais difundida e padronizada. Embora nenhuma estrutura seja perfeita, a BlackRock acredita que o Sustainability Accounting Standards Board (SASB) fornece um conjunto claro de padrões para relatar informações sobre sustentabilidade em uma ampla gama de questões, desde práticas trabalhistas até privacidade de dados e ética empresarial. Para avaliar e relatar os riscos relacionados ao clima, bem como as questões de governança relacionadas que são essenciais para gerenciá-los, o TCFD fornece uma estrutura valiosa.

Reconhecemos que a elaboração de relatórios com estes padrões requer tempo, análise e esforços significativos. A própria BlackRock ainda não está onde queremos estar, e estamos continuamente trabalhando para melhorar nossos próprios relatórios. Nossa divulgação alinhada ao SASB está disponível em nosso website, e estaremos lançando uma divulgação alinhada ao TCFD até o final de 2020.

A BlackRock está engajada com empresas há muitos anos em seu progresso em direção ao TCFD – e aos relatórios alinhados com o SASB. Este ano, estamos solicitando às empresas em que investimos em nome dos nossos clientes para que: (1) publiquem uma divulgação de acordo com as diretrizes específicas do setor da SASB até o final do ano, caso ainda não o tenham feito, ou divulguem um conjunto semelhante de dados de uma forma que seja relevante para o seu negócio específico; e (2) divulguem os riscos relacionados ao clima de acordo com as recomendações do TCFD, caso ainda não o tenham feito. Isto deve

incluir seu plano para operar sob um cenário onde o objetivo do Acordo de Paris de limitar o aquecimento global a menos de dois graus seja totalmente realizado, conforme expresso pelas diretrizes do TCFD.

Utilizaremos essas divulgações e nossos compromissos para verificar se as empresas estão gerenciando e supervisionando adequadamente esses riscos dentro dos seus negócios e se planejando adequadamente para o futuro. Na ausência de divulgações sólidas, os investidores, incluindo a BlackRock, concluirão cada vez mais que as empresas não estão gerenciando adequadamente os riscos.

Acreditamos que, quando uma empresa não está efetivamente abordando uma questão material, seus diretores devem ser responsabilizados. No ano passado, a BlackRock votou contra ou reteve votos de 4.800 diretores em 2.700 empresas diferentes. Quando acharmos que as empresas e conselhos não estão produzindo divulgações de sustentabilidade eficazes ou implementando estruturas para gerenciar essas questões, vamos responsabilizar os membros do conselho. Dado o trabalho de base que já lançamos sobre a divulgação, e os crescentes riscos de investimento em torno da sustentabilidade, estaremos cada vez mais dispostos a votar contra a administração e os diretores quando as empresas não estiverem progredindo o suficiente nas divulgações relacionadas à sustentabilidade e nas práticas e planos de negócios subjacentes a elas.

Capitalismo responsável e transparente

Ao longo dos 40 anos da minha carreira em finanças, testemunhei uma série de crises e desafios financeiros – os picos da inflação dos anos 70 e início dos anos 80, a crise da moeda asiática em 1997, a bolha dot-com, e a crise financeira global. Mesmo quando esses episódios duraram muitos anos, todos eles foram, no amplo contexto das coisas, de curto prazo. As mudanças climáticas são diferentes. Mesmo que apenas uma fração dos impactos projetados seja realizada, esta é uma crise muito mais estrutural, de longo prazo. Empresas, investidores e governos devem se preparar para uma realocação significativa de capital.

Nas discussões que a BlackRock tem com clientes em todo o mundo, cada vez mais, eles estão procurando realocar seu capital em estratégias sustentáveis. Se dez por cento dos investidores globais o fazem – ou mesmo cinco por cento – testemunharemos mudanças maciças de capital. E essa dinâmica vai se acelerar à medida que a próxima geração assumir o comando do governo e das empresas. Os jovens têm estado na vanguarda do apelo às instituições – incluindo a BlackRock – para que enfrentem os novos desafios associados às mudanças climáticas. Eles estão pedindo mais das empresas e dos governos, tanto em transparência quanto em ações. E à medida que trilhões de dólares mudarem para os jovens nas próximas décadas, à medida que eles se tornam CEOs e CIOs, à medida que se tornam políticos e chefes de Estado, eles irão

remodelar ainda mais a abordagem do mundo à sustentabilidade.

A medida que nos aproximamos de um período de realocação de capital significativo, as empresas têm a responsabilidade – e um imperativo econômico – de dar aos acionistas uma imagem clara do seu grau de preparação. E no futuro, uma maior transparência nas questões de sustentabilidade será um componente persistentemente importante da capacidade de cada empresa para atrair capital. Ela ajudará os investidores a avaliarem quais empresas estão servindo seus acionistas de forma eficaz, remodelando o fluxo de capital de acordo com isso. Mas o objetivo não pode ser a transparência em nome da transparência. Deve ser um meio para alcançar um capitalismo mais sustentável e inclusivo. As empresas devem ser deliberadas e empenhadas em abraçar o propósito e servir todas as partes interessadas – seus acionistas, clientes, funcionários e as comunidades onde operam. Ao fazer isso, sua empresa desfrutará de maior prosperidade a longo prazo, assim como os investidores, trabalhadores e a sociedade como um todo.

Atenciosamente,

Larry Fink

UM MOVIMENTO DE PROPORÇÕES TECTÔNICAS

2021

Prezado CEO,

A BlackRock é fiduciária para com seus clientes, ajudando-os a investir para alcançar objetivos de longo prazo. A maior parte dos recursos que gerimos é dedicada à aposentadoria de pessoas e de beneficiários de fundos de pensões (abertos e fechados), como professores, médicos, empresários, entre outros. É o dinheiro deles que gerimos, não o nosso. A confiança

que nossos clientes depositam em nós e nosso papel como elo entre os clientes e as empresas nas quais eles investem significam para nós uma imensa responsabilidade para atuar em seu nome e defender seus interesses. Este é o motivo por que eu escrevo para vocês todos os anos, procurando destacar os temas que são fundamentais para a criação de valor de forma

duradoura; temas como gestão de capital, estratégias de longo prazo, propósito e mudanças climáticas. Há muito, acreditamos que nossos clientes, na qualidade de acionistas de sua empresa, serão beneficiados se vocês conseguirem criar valor duradouro e sustentável para todos os seus stakeholders.

Comecei a escrever estas cartas na esteira da crise financeira de 2008. Mas ao longo do último ano, todos experimentamos algo ainda mais além: uma pandemia que englobou todo o planeta e o mudou permanentemente. Essa nova crise cobrou um preço terrível na vida das pessoas e transformou a maneira como vivemos - a maneira como trabalhamos, aprendemos, fazemos uso da medicina, e muito mais.

As consequências da pandemia têm sido altamente desiguais. Ela despertou a mais severa contração econômica global desde a Grande Depressão e a maior queda dos mercados de ações desde 1987. Enquanto alguns setores, particularmente aqueles que dependem da interação física entre pessoas, sofreram, outros têm conseguido florescer. E embora a recuperação do mercado de ações venha a calhar para o crescimento, enquanto a pandemia diminui seu impacto, o cenário atual continua sendo de devastação econômica, com desemprego significativamente elevado, pequenas empresas fechando diariamente e famílias ao redor do mundo sofrendo para pagar o aluguel e comprar comida.

A pandemia também acelerou tendências mais profundas, desde a crescente crise nos sistemas de

aposentadoria até desigualdades sistêmicas. Passado alguns meses do ano de 2020, a pandemia colidiu com uma onda de protestos históricos por justiça racial nos Estados Unidos e ao redor do mundo. E, mais recentemente, ela exacerbou a turbulência política nos EUA. Neste mês, nos Estados Unidos, vimos alienação política - impulsionada por mentiras e oportunismo político - resultar em violência. Os eventos no Capitólio dos EUA representaram um duro lembrete de quão vulnerável e precioso um sistema democrático pode ser.

Apesar das trevas em que vivemos nos últimos 12 meses, tivemos sinais de esperança, incluindo as empresas que atuaram para servir seus stakeholders com coragem e convicção. Vimos negócios inovarem com rapidez, de forma a manter o fluxo de alimentos e bens de consumo durante as quarentenas. As empresas intensificaram seu apoio a organizações sem fins lucrativos que vêm prestando auxílio aos necessitados. Em um dos maiores triunfos da ciência moderna, múltiplas vacinas foram desenvolvidas em tempo recorde. Muitas empresas também responderam ao clamor por igualdade racial, embora falte muito por fazer para honrar tais compromissos. Surpreendentemente, em meio a todas as perturbações vistas em 2020, as empresas andaram vigorosamente na direção de confrontar os riscos climáticos.

Acredito que a pandemia apresentou uma crise existencial de tal magnitude – um lembrete tão forte de nossa fragilidade - o que nos levou a confrontar a ameaça

global das mudanças climáticas de maneira mais enfática e refletir como, a exemplo da pandemia, elas transformarão nossas vidas. Ela também nos recordou como as maiores crises, sejam de natureza sanitária ou ambiental, demandam uma resposta global e ambiciosa.

No ano passado, as pessoas viram o impacto físico crescente da mudança climática, na forma de incêndios, secas, enchentes e furacões. Elas começaram a perceber o impacto financeiro direto, uma vez que as empresas de energia pegam bilhões de dólares em reversões de provisões sobre ativos que se tornaram irre recuperáveis e o foco das autoridades regulatórias sobre o risco climático no sistema financeiro global. Também estão cada vez mais focadas nas oportunidades econômicas significativas que a transição vai criar, além de como executar isso de uma maneira justa e equitativa. Nenhuma questão supera o risco climático na lista de prioridades de nossos clientes. Eles nos perguntam sobre isso quase todos os dias.

Um movimento de proporções tectônicas se acelera

Em janeiro do ano passado, escrevi dizendo que o risco climático era um risco de investimento. Disse na ocasião que, à medida que os mercados comesçassem a precificar o risco climático no valor dos títulos, isso daria início a uma realocação fundamental de capitais. Então, a pandemia veio e, em março, a convicção geral era de que a crise iria desviar as atenções das discussões sobre o clima. Mas aconteceu justamente o contrário, e

a realocação de capitais se acelerou ainda mais do que eu havia previsto.

De janeiro a novembro de 2020, os investidores em fundos mútuos e ETFs investiram US\$ 288 bilhões globalmente em ativos sustentáveis, um aumento de 96% em relação ao ano todo de 2019.¹ Creio que este é o início de uma transição longa, mas que deve se acelerar rapidamente – uma que irá se desenrolar durante muitos anos e reconfigurar os preços dos ativos de todos os tipos. Sabemos que o risco climático é um risco de investimento. Mas também acreditamos que a transição climática representa uma oportunidade histórica de investimento.

Um elemento essencial para esta transição tem sido a crescente disponibilidade e acessibilidade das opções de investimento sustentáveis. Não faz muito tempo, a construção de um portfólio com consciência climática era um processo extremamente penoso, acessível apenas aos maiores investidores. Mas a criação de investimentos em índices sustentáveis permitiu uma massiva aceleração de capitais em direção às empresas melhor preparadas para endereçar o risco climático.

Hoje, estamos no limiar de outra transformação. Tecnologias e dados melhores estão permitindo aos gestores de recursos oferecer portfólios personalizados com índices para um grupo muito mais amplo de pessoas - outro recurso ora reservado aos grandes investidores. À medida que mais e mais investidores optem por direcionar seus investimentos a empresas focadas na sustentabilidade, isso vai acelerar

ainda mais os movimentos tectônicos que estamos presenciando. E porque isso terá um impacto tão drástico na maneira como capitais são alocados, cada gestor e conselho de administração irá precisar considerar como isso impactará as ações da sua empresa.

De maneira simultânea às mudanças no comportamento dos investidores, vimos um ano histórico em matéria de políticas públicas em resposta às mudanças climáticas. Em 2020, a União Europeia, China, Japão e Coreia do Sul todos anunciaram compromissos históricos no sentido de alcançar a neutralidade em emissões de carbono. Com o compromisso dos EUA na semana passada para retornar ao Acordo de Paris, 127 governos - responsáveis por mais de 60% das emissões globais - estão considerando ou já implementando o compromisso de zerar as emissões líquidas. O momentum continua a crescer e, em 2021, vai se acelerar - com implicações substanciais para a economia global.

A oportunidade da transição para a neutralidade em carbono

Não há empresa cujo modelo de negócio não seja profundamente afetado pela transição para uma economia neutra em carbono - uma economia que não emite mais dióxido de carbono do que ela mesma remove da atmosfera até 2050. Este é o limite estabelecido cientificamente como o necessário para manter o aquecimento global abaixo de 2°C. À medida que a transição se acelera, empresas com estratégias de longo prazo bem articuladas e um plano claro para abordar a transição para

a neutralidade em carbono irão se destacar perante seus stakeholders – perante clientes, autoridades governamentais, colaboradores e acionistas - por inspirar a confiança de que elas conseguem navegar através desta transformação global. Mas as empresas que não estão se preparando rapidamente verão seus negócios e suas precificações sofrerem, pois os mesmos stakeholders perderão a confiança de que essas empresas podem adaptar seus modelos de negócios às grandes transformações que estão a caminho.

É importante reconhecer que a neutralidade em carbono demanda uma transformação de toda a economia. Cientistas concordam que, para cumprir com a meta do Acordo de Paris de conter o aquecimento global “bem abaixo de 2 graus acima das médias pré-industriais” até 2100, as emissões produzidas por humanos precisam ser reduzidas de 8 a 10% anualmente entre 2020 e 2050 e alcançar a neutralidade ao até a metade do século. A economia de hoje permanece altamente dependente de combustíveis fósseis, como refletido na intensidade de carbono de grandes índices, como o S&P ou o MSCI World, que atualmente estão em trajetórias substancialmente acima de 3°C. Isso significa que uma transição bem-sucedida – uma que seja justa, equitativa e que proteja a subsistência das pessoas – exigirá tanto inovação tecnológica quanto o planejamento ao longo de décadas. E isso somente pode ser alcançado com liderança, coordenação e apoio em todos os níveis de governo, trabalhando em parceria com o setor privado para maximizar a

prosperidade. As comunidades vulneráveis e os países em desenvolvimento, muitos dos quais já expostos aos piores impactos físicos das mudanças climáticas, são os que menos podem suportar os choques econômicos de uma transição precariamente implementada. Devemos implementá-la de forma que produza as mudanças urgentes e necessárias sem agravar ainda mais esse ônus duplo. Ainda que seja inevitavelmente complexa e difícil, esta transição é essencial para a construção de uma economia mais resiliente que beneficie mais pessoas. Estou muito otimista sobre o futuro do capitalismo e da saúde futura da economia; não apesar da transição energética, e sim, por causa dela.

É claro, os investidores não conseguem preparar seus portfólios para essa transição se não entenderem como cada uma das empresas está preparada, tanto para as ameaças físicas das mudanças climáticas quanto para a transição da economia global para a neutralidade em carbono. Eles pedem a gestores como a BlackRock para acelerar o crescimento de nossas capacidades de coleta e análise de dados nessa área - e estamos comprometidos em atender às suas necessidades.

Por que os dados e as divulgações importam

A avaliação dos riscos de sustentabilidade exige que os investidores tenham acesso a informações públicas que sejam relevantes, consistentes e de alta qualidade. Foi por esse motivo que, no ano passado, pedimos a todas as empresas que emitissem relatórios

em linha com as recomendações da Força-Tarefa para Divulgações Financeiras Relacionadas ao Clima (Task Force on Climate-related Financial Disclosures, TCFD) e o Conselho de Padrões Contábeis de Sustentabilidade (Sustainability Accounting Standards Board, SASB), que cobrem um conjunto mais amplo de fatores relevantes em sustentabilidade.

Os relatórios da TCFD são o padrão global para ajudar os investidores a entenderem os riscos climáticos mais relevantes que as empresas enfrentam e como elas estão gerenciando esses riscos. Tendo em vista que a transição energética será um tema central para as perspectivas de crescimento de todas as empresas, estamos pedindo que elas divulguem um plano de como o seu modelo de negócios será compatível com uma economia neutra em carbono, ou seja, na qual o aquecimento global fique limitado bem abaixo de 2 °C, de acordo com as aspirações globais de zero emissões de gases do efeito estufa até 2050. Estamos pedindo que você divulgue como esse plano será integrado na sua estratégia de longo prazo e analisado pelo seu conselho de administração.

Sabemos que essa divulgação pode ser complicada e que a grande variedade de estruturas de relatórios cria uma complexidade adicional para as empresas. Nós recomendamos fortemente um único padrão global, que permitirá aos investidores tomar decisões mais informadas sobre como poderão alcançar retornos duráveis no longo prazo. Tendo em vista que melhores divulgações sobre sustentabilidade estão de acordo

com os próprios interesses das empresas e dos investidores, incito as empresas a atuarem rapidamente para emití-los, em vez de esperar que as autoridades regulatórias os exijam. Conforme o mundo avança para um padrão único, a BlackRock continua apoiando relatórios em linha com a TCFD e o SASB. Além disso, acredito que a TCFD não deveria ser adotada apenas pelas empresas de capital aberto. Se quisermos que esses relatórios sejam realmente eficazes, se quisermos ver uma autêntica mudança na sociedade, eles também devem ser adotados pelas grandes empresas de capital fechado.

Além disso, não são apenas as empresas que enfrentam riscos relacionados ao clima. Por exemplo, acreditamos que os emissores de dívida pública também deveriam divulgar como estão abordando os riscos climáticos. No entanto, a medição e a divulgação não são os únicos desafios. Os governos ao redor do mundo, sob severa pressão fiscal decorrente da pandemia, também devem implementar projetos massivos de infraestrutura climática, tanto para proteção contra os riscos físicos quanto para entregar energia limpa. Esses desafios vão exigir uma parceria entre os setores público e privado criativa para financiá-los, bem como melhores divulgações de informação para atrair capitais.

Compromisso da BlackRock para o “Zero Líquido”

O mundo está avançando para a neutralidade em carbono, e a BlackRock acredita que nossos clientes serão melhor servidos caso nos mantenhamos na dianteira

dessa transição. Hoje, nossas próprias operações são neutras em carbono, e estamos comprometidos em apoiar a meta de atingir o zero emissões líquidas em emissões de gases do efeito estufa até 2050 ou antes. Nenhuma empresa pode facilmente planejar mais de trinta anos, mas acreditamos que todas as empresas - incluindo a BlackRock - devem começar a abordar a transição para o zero líquido hoje. Estamos tomando uma série de medidas para ajudar os investidores a preparar seus portfólios para um mundo zero líquido, incluindo o aproveitamento de oportunidades criadas pela transição até o zero líquido.

Estamos detalhando essas medidas em que enviamos hoje aos nossos clientes. Elas incluem: a publicação de uma métrica de alinhamento de temperatura para nossos fundos abertos de ações e títulos de dívida, onde haja dados suficientes disponíveis; incorporação de considerações climáticas às nossas premissas de mercados de capitais; implementação de um “modelo de escrutínio de alto grau” em relação aos nossos portfólios ativos como uma ferramenta para a gestão de carteiras que ofereçam riscos climáticos significativos (incluindo a sinalização de posições para uma possível saída); lançamento de novos produtos de investimento com metas de alinhamento de temperatura explícitas, incluindo produtos alinhados com a trajetória rumo à neutralidade em carbono; e uso da gestão para garantir que as empresas nas quais nossos clientes investem estão mitigando os riscos climáticos e considerando as oportunidades apresentadas pela transição para a neutralidade em carbono.

A sustentabilidade e as conexões mais profundas com os stakeholders geram melhores retornos

Em 2018, escrevi exortando todas as empresas a articularem seus propósitos e como isso beneficia todos os stakeholders, incluindo acionistas, colaboradores, clientes e as comunidades onde operam. Ao longo de 2020, vimos como as empresas com propósito, com melhor perfil ambiental, social e de governança (ASG, ou ESG em inglês), tiveram desempenho superior aos seus pares. Durante 2020, 81% de uma seleção global representativa de índices sustentáveis tiveram um desempenho acima do esperado em relação aos índices de referência originários.³ Esse desempenho superior foi ainda mais pronunciado durante as quedas do primeiro trimestre, outro exemplo de resiliência dos fundos sustentáveis que observamos em períodos de retração no passado.⁴ E o amplo leque de opções de investimento sustentável continuará a impulsionar o interesse dos investidores nestes fundos, como vimos durante 2020.

No entanto, a história vai ainda mais fundo. Não se trata apenas dos índices ESG terem desempenho superior às suas contrapartes. Trata-se de que, dentro dos setores - desde o setor automotivo até o financeiro, passando por empresas de petróleo e gás - estamos testemunhando mais uma divergência: empresas com melhor perfil ESG estão tendo desempenho acima de seus pares, obtendo com isso um “prêmio desustentabilidade”.

Está claro que estar conectada com

os stakeholders - estabelecendo uma relação de confiança com eles e agindo com propósito - permite à empresa entender e responder às mudanças que estão acontecendo no mundo. Empresas ignoram seus stakeholders por sua própria conta e risco - aquelas que não forem merecedoras desta confiança terão mais e mais dificuldades para atrair consumidores e talentos, especialmente na medida em que os jovens cada vez mais esperem que empresas espelhem e compartilhem de seus valores. Quanto mais a sua empresa puder demonstrar seu propósito em entregar valor aos seus clientes, seus colaboradores e suas comunidades, melhor será sua capacidade de competir e entregar lucros duradouros, de longo prazo, para os acionistas.

Não consigo recordar um momento que tenha sido mais importante para as empresas responderem às necessidades de seus stakeholders. Estamos em um momento de de tremenda dor econômica. Também estamos diante de uma encruzilhada histórica no caminho em direção à justiça racial - uma que não poderá ser resolvida sem a liderança das empresas. Uma empresa que não procure se beneficiar de todo o espectro do talento humano é mais fraca por isso - tem menos chance de contratar os melhores talentos, estaria em piores condições para atender às necessidades de seus clientes e comunidades onde operam, e também com menor possibilidade de conseguir um desempenho superior no mercado. Embora temas como raça e etnia variem enormemente ao redor do mundo, esperamos que as empresas em todos os países

tenham uma estratégia de talentos que permita aproveitar o conjunto mais completo de talentos possível. Conforme emitirem seus relatórios de sustentabilidade, pedimos que as suas notas sobre a estratégia de talentos reflitam, de forma integral, seus planos de longo prazo para melhorar a diversidade, equidade e inclusão, conforme o caso de cada região. Nós nos comprometemos com esses mesmos padrões. Questões de justiça racial, desigualdade econômica ou engajamento comunitário são geralmente classificadas como um tema “S” em conversas sobre ESG. Porém, seria precipitado definir tão claramente as fronteiras entre essas categorias. Por exemplo, as mudanças climáticas já provocam um impacto desproporcional nas comunidades carentes ao redor do mundo. Isso seria um problema E (ambiental) ou S? O que realmente importa não é a categoria em que classificamos essas questões, e sim as informações que temos para entendê-las e como elas interagem entre si. Dados e divulgações melhorados vão nos ajudar a entender melhor a profunda interdependência entre os temas ambientais e sociais. Eu sou uma pessoa otimista. Estou vendo como muitas empresas estão levando a sério esses desafios - como estão abraçando as demandas por maior transparência, maior responsabilidade perante os stakeholders e melhor preparação para as mudanças climáticas. Estou muito animado com o que tenho visto nas empresas. E agora, os líderes empresariais e conselhos de administração terão que demonstrar grande coragem e compromisso para com seus stakeholders. Precisamos

nos mover ainda mais rapidamente - para gerar mais emprego, mais prosperidade e maior inclusão. Tenho uma enorme confiança na capacidade das empresas de nos ajudar a sair desta crise e construir um capitalismo mais inclusivo.

Até 2020, as vacinas geralmente levavam entre 10 e 15 anos para serem desenvolvidas. A mais rápida de todos os tempos tinha sido a da caxumba – seu desenvolvimento levou quatro anos. Hoje, temos múltiplas companhias de diferentes partes do globo entregando vacinas que elas desenvolveram em menos de um ano. Elas estão demonstrando o poder das empresas - o poder do capitalismo - para responder às necessidades da humanidade. À medida que conseguirmos deixar a pandemia para trás, enfrentando tremenda dor econômica e desigualdade, precisamos que as empresas adotem uma forma de capitalismo que reconheça e sirva a todos os seus stakeholders.

A vacina é o primeiro passo. O mundo ainda está em crise e continuará assim por um bom tempo. Temos um grande desafio à frente. As empresas que o encararem – que busquem criar valor de longo prazo para seus stakeholders - vão ajudar a entregar os retornos de longo prazo aos seus acionistas e construir um futuro mais brilhante e próspero para o mundo.

Atenciosamente,

Larry Fink ■